

Omolubá

Coleção

1

MEMÓRIA
DO SANTE

CADERNOS de UMBANDA

2ª Edição

Defumação

- toque para Exú, o guardião do templo
- devoção a Olorun ou Zambi
- defumação, cruzamento e cumprimentos
- saudação ao Congá, Zelador, Ogans e outros



AR

ÁGUA

TERRA

FOGO

Coleção
1
MEMÓRIA
DO SANTÉ

Cadernos de Umbanda

Editor: Cristina Warth
Programação Visual/Capa: Renato Martins
Desenhos: Ney Lima e Renato Martins
Arte final: Luiz Epitácio de Oliveira e Imara Rodrigues
Composição: Walter José e Cintia Ribeiro
Apoio bibliográfico: "Dic. Culto Afro-Brasileiro"
Olga Gudolle Cacciatore
"Curso de Cultura Rel. Afro-Brasileira"
Fernandes Portugal
"Fundamentos de Umbanda"
Israel Cysneiro e Omolubá

Fotos: Ney Lima

Fotolitos: Jardim América Ltda. (Manolo)

AGRADECIMENTOS: Ogans dos Templos Umbandistas de Omolu e aos 142 sacerdotes de Umbanda visitados.

Copyright © 1988/1994 by Omolubá

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Omolubá
065c Cadernos de Umbanda I / Omolubá. – 2. ed. –
2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1994.
(Coleção Memória do Santé; 1)

Inclui glossário.
ISBN 85-347-0030-3

1. Umbanda – Rituais. I. Título. II. Série.

94-0202 CDD – 299.64
CDU – 299.6.3

Direitos desta edição reservados à
PALLAS – Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 – Higienópolis
CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 270-0186 – Fax (021) 590-6996



NESTE NÚMERO

Umbanda – Religião brasileira	3
Os Fundamentos da Umbanda.....	5
O Templo de Umbanda.....	7
Primeira devoção – Saudação a Olorun ou Zambi.....	9
Segunda devoção – cruzamento do templo e defumação dos fiéis.....	11
Terceira devoção – Saudação ao Pegi	13
Saudação a Exu.....	17
Apontamentos.....	20
Glossário.....	24

NO PRÓXIMO NÚMERO

Você conhecerá as datas mais importantes da história da Umbanda. Saudação aos orixás: Yemanjá, Oxalá, Omolu, Oxosse e Ossãe. As ervas, folhas, flores, frutos, dias, meses, cores, metais, bebidas, cânticos e oferendas consagradas aos mesmos. Gravuras, fotos, apontamentos e continuação do glossário.



**EDITORA PALLAS, NA VANGUARDA DA
CULTURA NEGRO-BRASILEIRA**

UMBANDA - Religião brasileira

A Umbanda foi trazida do plano astral ao plano físico em 15 de novembro de 1908. Apareceu no bairro de Neves — (4º Distrito de São Gonçalo) — na então pequena cidade de Niterói. O mensageiro e fundador foi um espírito que se nomeou Caboclo das Sete Encruzilhadas. Indagado sobre o nome do culto religioso, disse: *Umbanda*. Quanto à significação do vocábulo, esclareceu: "*Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade*". O médium daquela insólita presença, um rapaz, de apenas dezessete anos de idade, chamado Zélio de Moraes.

Os fundamentos do novo movimento religioso chegaram em 1978, através de um livro psicografado em parte, resultado de intensas pesquisas, intitulado "*Fundamentos de Umbanda — Revelação Religiosa*", que muito contribuiu, não só para ratificar e divulgar a origem daquele culto, como, também, para dar partida em nível estrutural, passando a Umbanda de simples seita à categoria de Religião propriamente dita, inspirada em conceitos teológicos.

O estudo da Umbanda está compreendido em dois períodos distintos de setenta anos: 1908/1978, considerado como *Período Propagação* (estatísticas do IBGE revelam que a Umbanda alcançou vinte milhões de seguidores); o segundo, estabelecido para os anos de 1979/2049, como *Período de*

Afirmção Doutrinária, ficando, obviamente, a doutrina como parte essencial, a fim de permitir estabilidade e rumo à nova religião, que implicará na substituição da quantidade pela qualidade, alcançando-se, gradativamente, um descarte das superstições e influências fantasiosas, que dificultam o despertar dos fiéis para o Sagrado.

O Sincretismo na Umbanda é constituído pelo Africanismo, Cristianismo e Hinduísmo, recebendo, contudo, influências do Catolicismo e Espiritismo. Do Africanismo recebeu, para máxima devoção, o Ser Supremo OLORUM ou Zambi e apenas doze orixás do extenso panteon africano, assimilando-os integralmente; do Cristianismo, bebeu das primeiras águas do "*Amai-vos uns aos outros*" e "*Fora da caridade não há salvação*" e de outras sentenças crísticas atinentes a um comportamento fraterno universalista. Do Hinduísmo, a Umbanda aprendeu três Leis: Carma, Reencarnação e Evolução.

A par da efetiva companhia dos "guias protetores" e orixás, o umbandista sincero sabe que é de máxima importância a sua própria transformação pessoal, calcada no "*Conhece-te a ti mesmo*", como tarefa inadiável e primordial, traduzindo-se em todos os instantes, em harmônica vida religiosa.



ASPECTOS DOMINANTES NA UMBANDA



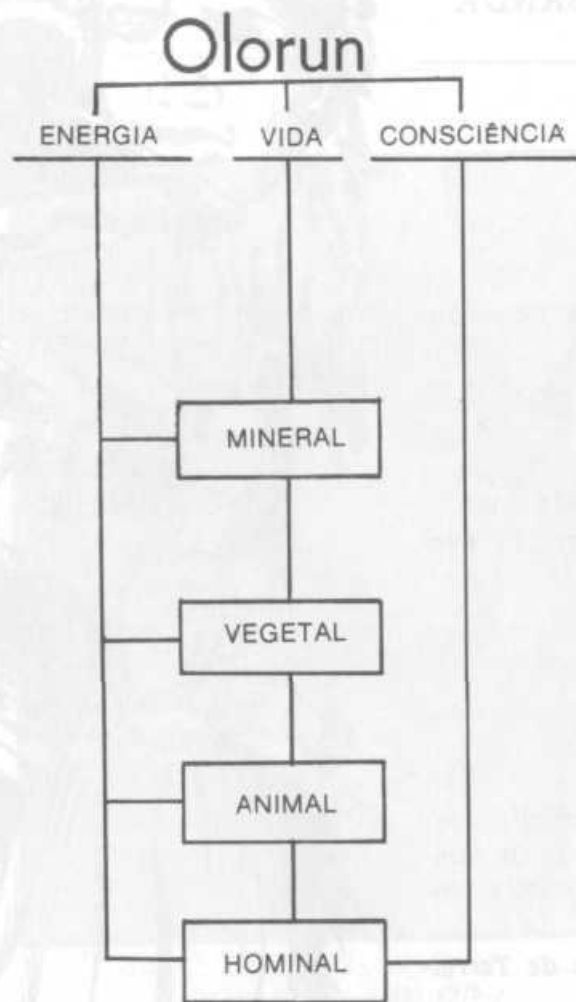
Zélio de Moraes (1891-1975)

- a) Prática de ritual destinado a estabelecer um vínculo mais estreito — através do mediunismo — entre os planos físicos e astral, tendo como escopo principal a orientação dos que se socorrem no campo da cura físico-astral, desobsessão, pregação doutrinária e renovação moral dos seus seguidores, crença na imortalidade do espírito, obediência às leis do Carma, Reencarnação e Evolução, além de consciente preparo individual para um despertar espiritual.
- b) Vestimentas com predominância da cor branca. Em dias festivos é permitido o uso de toalhas em duas cores — cores dos orixás de cabeça — do devoto.
- c) Pegi com a imagem de Jesus com os braços abertos, ladoado de outras imagens de trabalhadores da Umbanda no plano astral: Pretos-velhos, Caboclos, Boiadeiros, Sereias, Ibejis, etc.
- d) Desenvolvimento mediúnico em dias próprios, exclusivamente para médiuns.
- e) Aplicação pelo sacerdote dos Sacramentos da Umbanda: Batismo, Confirmação, Casamento, Sacerdócio e Extrema-unção.
- f) Manipulação da magia, algumas vezes pelo sacerdote competente, quase sempre pelo Guia-chefe da Casa.
- g) Existência de rituais próprios para a Iniciação do devoto praticante, no sentido de melhor aprimoramento religioso, visando o mesmo alcançar a Linha Sacerdotal, seja por vontade própria ou determinação dos seus guias mentores.

OS FUNDAMENTOS DA UMBANDA

- I. DEUS ÚNICO — *Olorun ou Zambi*
- II. TRÍPLICE ASPECTO — *Energia, Vida, Consciência*
- III. SETE PROGRESSÕES EVOLUTIVAS — *As Sete Linhas de Umbanda*
 - 7ª Linha dos Orixás
 - 6ª Linha das Encarnações Humanas e Divinas
 - 5ª Linha do Oriente (Carma, Reencarnação, Evolução).
 - 4ª Linha da Magia
 - 3ª Linha das Almas
 - 2ª Linha Sacerdotal
 - 1ª Linha dos Devotos
- IV. SETE TENDÊNCIAS — *Os Sete Raios*
- V. PROFISSÃO DE FÉ — *Credo Umbandista*
- VI. PODER EXPRESSO DA DIVINDADE — *Os Símbolos — Os Sacramentos — Pontos riscados e cantados*
- VII. AS FÓRMULAS PRÁTICAS — *Rituais de Terreiros — As Romarias*





OLORUN E O SEU TRÍPLICE ASPECTO

ASPECTOS ESTRANHOS À UMBANDA

- a) O uso de cânticos em línguas estrangeiras.
- b) Oferendas, obrigações e despachos realizados nas ruas da cidade. Estes cerimoniais na Umbanda são realizados em lugares adequados e, em grande parte, dentro do próprio terreiro.
- c) Na Umbanda, em respeito às linhas de evolução, não tem lugar a prática do abate de qualquer ser vivo animal, vinculado ao seu ritual.
- d) A não-obediência a horários determinados para início e término das sessões de terreiro. O horário das sessões não ultrapassam as 23 horas, exceto em dias festivos.
- e) Na Umbanda não há "feituuras de cabeça", "boris", "vumbi", "catulagens", "raspagens", "camarinhas", "corpo fechado", procissões etc.
- f) A Umbanda reconhece a verdadeira Astrologia como ciência esotérica, mas não tem lugar em seus terreiros a sua prática, de vez que não confecciona horóscopos nem prediz influências zodiacais de cunho individualista.

PRIMEIRA DEVOÇÃO

O Templo de Umbanda

O Templo de Umbanda, quase sempre, tem a forma de um quadrilátero, dividido em três partes principais: *assilência*, com bancos ou cadeiras, para os que vão assistir o culto; o *terreiro*, onde se processam os diversos ritos e o *pegi*, ou seja, o altar, onde estão dispostas as imagens de pretos velhos, boiadeiros, flores, pombas, caboclos etc, encimados pela figura de Jesus, de braços abertos, reconhecido como um dos diletos filhos do orixá Oxalá. Tais imagens não se prestam à adoração, servindo, apenas, de referência para a cerimônia mágico-religiosa.

Os Centros de Umbanda são encontrados, em sua maioria, nos subúrbios e nas zonas rurais. Restam poucos na parte urbana das cidades.

Existem outras dependências que dão respaldo ao corpo central da edificação, tais como: cozinha, banheiros, vestiários, casas de Exu, casa das Almas, secretaria e até, em certos templos, vamos encontrar gabinetes dentários, médico, creche, bibliotecas, salões para reuniões, estudos etc.

O Terreiro, propriamente dito, é uma câmara energética, onde se processam as danças, cânticos, saudações e trabalhos pertinentes ao culto, não sendo permitido conversas e posturas anti-sacras.

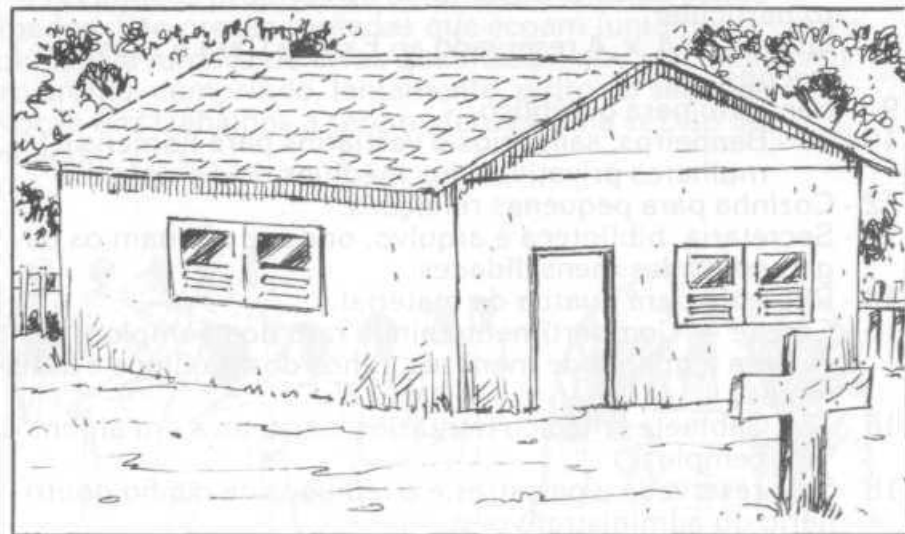
A hierarquia é de responsabilidade, cabendo aos mais antigos "no santo" fazer cumprir, com desvelo e exemplo pessoal, a parte ritualística da sessão em curso.

A Umbanda é uma religião simples, alegre, amigável para com todos, sem proselitismos. Seus cânticos são ingênuos, não existindo preocupações academicistas, seja de rima ou silabação.

São preces extraídas da alma popular e transmitidas, sonoramente, como singelos recados, advertências, louvores, súplicas e contentamento entre criaturas do plano físico e astral. São mensagens pautadas, exclusivamente, no real, sem esperanças fugidias, sempre na certeza da perene plenitude do Orixá.

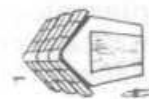
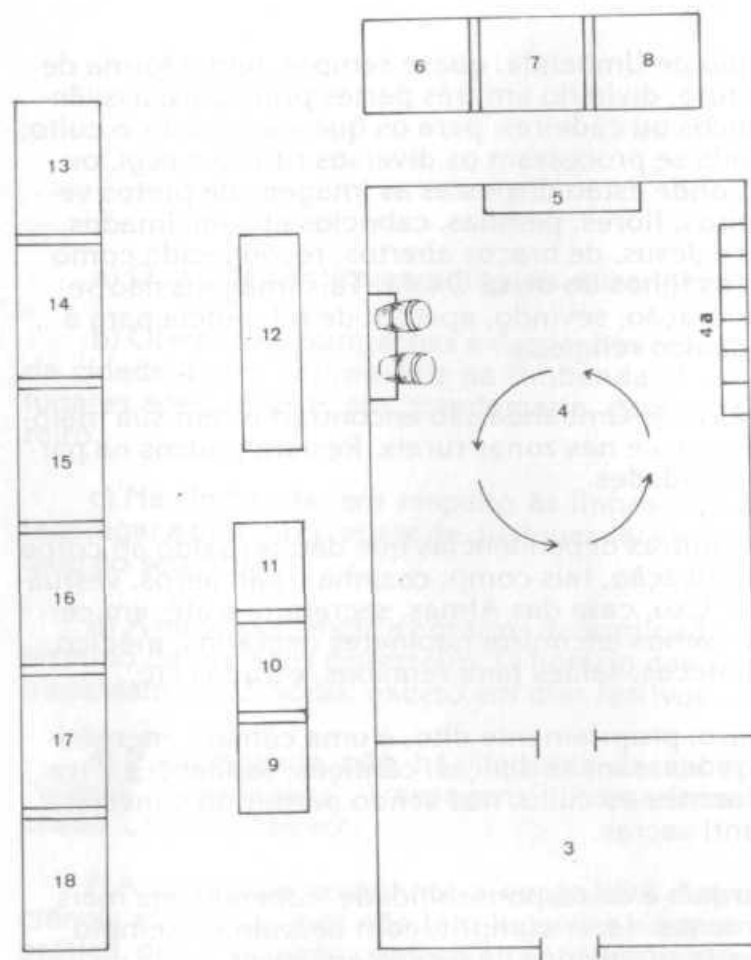
Um credo sem preconceitos e sem conivências com o poder temporal.

Em dias festivos, os fiéis se paramentam com vistosas toalhas de duas cores, pertinentes aos seus "orixás de cabeça". Vários cânticos são entoados na defumação do Templo. A partir daí, toda a devoção é agraciada com danças contínuas, numa constante movimentação dos participantes, em postura mimética. O suave odor das ervas queimadas impregna roupas, toalhas, guias, instrumentos, paredes, tetos e tudo em volta, num descarrego geral, higienizante e vital.



Especificação de planta baixa de um Templo de Umbanda

- 1 - Pequena casinhola de tijolos, situada na entrada do Templo, onde estaciona o Exu da Tronqueira. Dimensão aproximada de 1 metro de altura e 40 x 40. Neste local, o guardião astral se posiciona para observar os que entram e os que saem.
- 2 - Cruzeiro das Almas. Madeiro de 2 metros de altura, aproximadamente.
- 3 - Assistência. Cadeiras ou bancos para os fiéis que vão assistir ao ritual. De um lado, mulheres e crianças, de outro, homens.
- 4 - Terreiro propriamente dito, onde se desenrola o ritual.
- 4A - Cadeiras dispostas para Zeladores, quando em visitas.
- 5 - O Pegi (altar).
- 6 - Pequena edificação de tijolos, caiada de branco, medindo menos de 2 metros de altura de 3 x 3. É a Casa das almas.
- 7 - Quarto de 4 x 4 para descanso do Zelador e atendimento particular.
- 8 - Quarto de 4 x 4 reservado ao Exu da Casa e seus apetrechos.
- 9 - Sanitário para o público.
- 10 - 11 - Banheiros, sanitários e vestiários para homens e mulheres privativos dos médiuns do Templo.
- 12 - Cozinha para pequenas refeições.
- 13 - Secretaria, biblioteca e arquivo, onde se efetuam os pagamentos das mensalidades.
- 14 - Depósito para guarda de material.
- 15 - Creche — Compartimento ainda raro nos Templos. Serve para a guarda de menores, filhos dos médiuns e assistentes.
- 16 - 17 - Gabinetes médico-dentários, existentes em alguns Templos.
- 18 - Sala reservada a palestras e a reuniões de cunho doutrinário ou administrativo.



PRIMEIRA DEVOÇÃO

Saudação a OLORUN ou ZAMBI

O Templo ainda está fechado ao público. No seu interior, começam a chegar os primeiros fiéis para a sessão da quinzena. Entram, silenciosamente, no recinto e na penumbra ambiente, dirigem-se a uma esteira, colocada no centro do terreiro, prostram-se por alguns minutos, balbuciando, repetidas vezes, a oração: *"Amado Pai Olorun! Vós estais em mim. Eu estou em Vós... Mas este EU nada é!... Glória a Olorun"*.

Depois, procuram acomodar-se nas laterais do Terreiro, sentados ou de pé e ficam a refletir sobre si mesmos ou a pensar nos "guiás", que, certamente, virão ao seu encontro, para, juntos, prestarem serviços em prol dos mais necessitados. Outros companheiros vão chegando. O cerimonial da primeira devoção vai acontecendo. O silêncio é absoluto naquele quadrilátero mágico, condensador de energias.

Por fim, o Zelador ou Zeladora aparece e, por sua vez, também se encaminha ao centro e reverencia *"Àquele que tudo pode..."* Em seguida, dirige-se para sua cadeira e aguarda a hora convencionada para o início da sessão, nem um minuto a mais ou menos, pois a observância de horário do início e término dos trabalhos é prova incontestável de

ordem e respeito para os componentes dos dois planos, físico e astral.

O odor das ervas já se faz sentir quando o turíbulo, pelas mãos da Mãe-Pequena, chega ao recinto. Neste momento, as portas do Templo são abertas para o público devoto, que logo preenche seus lugares. De um lado, homens, de outro, mulheres e crianças.

A Mãe-Pequena defuma, primeiramente, o Zelador (a), para que o mesmo assuma a defumação do Templo e dê início à segunda devoção. O Zelador, então, com o turíbulo, parte para o centro do terreiro e brada: *"Salve a Umbanda! Salve todos os orixás! Salve as almas! Salve os filhos de fé! Salve o defumador!"*. Do centro, percorre, em linha direta, para cada canto do terreiro, voltando sempre ao centro, no rito de cruzamento e saudação simbólica aos elementais da água, fogo, terra e ar.

Os cânticos próprios da defumação já estão sendo entoados. São preces cantadas que ecoam juntamente com a evolução da fumaça de ervas queimadas, que rescendeu seu puro aroma, cumprindo, lentamente, o rito da segunda devoção dos trabalhos a serem efetuados na sessão de Umbanda.





Amado Pai OLORUN!

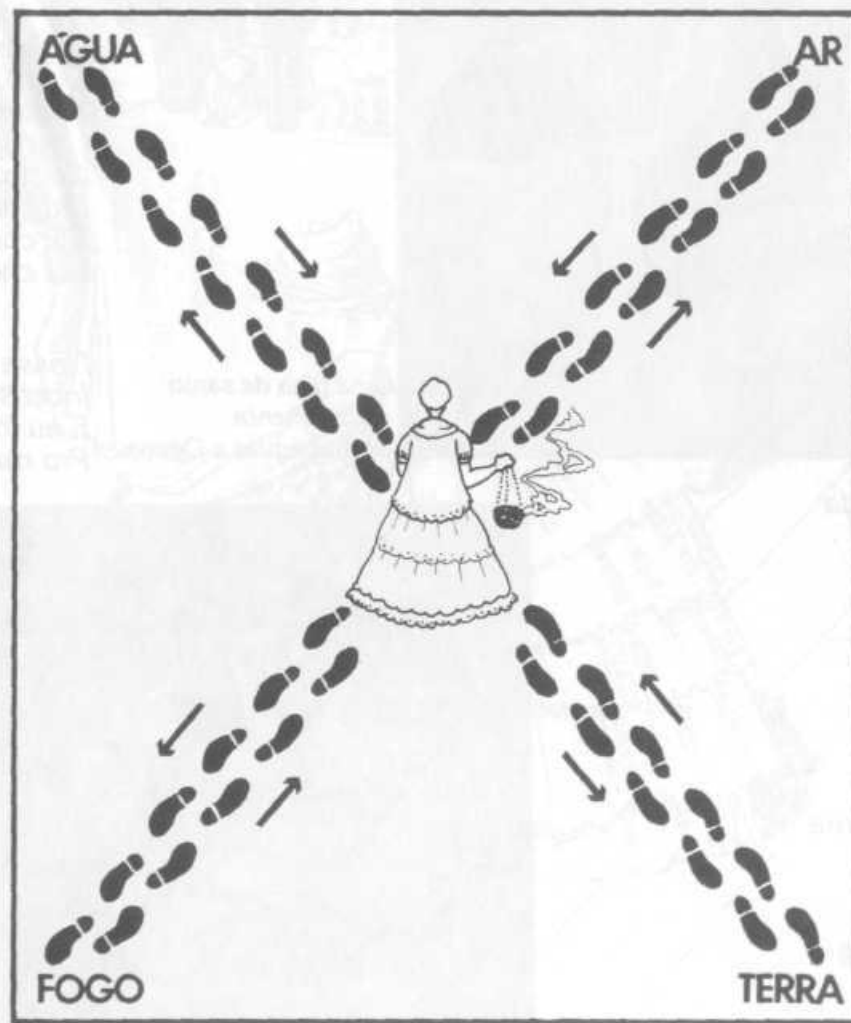
- Vós estais em mim
eu estou em vós...
- Mas este Eu nada é...

Glória a OLORUN

OLORUN ou Zambi é o Ser Supremo dos umbandistas. Energia que interpenetra tudo e todos. De Si, brota e retorna incessantemente a vida em suas várias manifestações abrangente a todos os planos. Eterno, infinito, incognoscível, é pressentido contudo pela mente humana, através da sua ação moto-contínua de Criação, Manutenção e Transformação da existência universal.

SEGUNDA DEVOÇÃO

Cruzamento e defumação do Templo



CRUZAMENTO (Saudação aos elementais)



Uma filha de santo cumprimenta os atabaques e Ogans.

Tou defumando a minha banda
 Oi que bandê
 Cherô guiné
 Oi que bandê
 Cherô alecrim
 Oi que bandê
 Cherô arruda
 Oi que bandê...

Defuma com as ervas da jurema
 Defuma com arruda e guiné
 Alecrim, benjoim e alfazema
 Vamos defumá filhos de fé
 Defuma...

É Pai Oxossi
 Dá licença pra defumar bis
 Eu defumo eu defumo bis
 Esta aldeia real.

Dá licença Pai Ogun
 Filhos quer se defumar
 Umbanda tem fundamento
 É preciso preparar
 Com incenso e benjoim
 Alecrim e alfazema
 Defumar filhos de fé
 Com as ervas da jurema.

Umbanda cherô
 Cherô a defumador bis
 A Umbanda cherô
 Cherô a defumador
 Como cheira Umbanda — cherô
 Ela cheira alecrim — cherô
 Ela cheira guiné — cherô
 Ela cheira arruda — cherô.

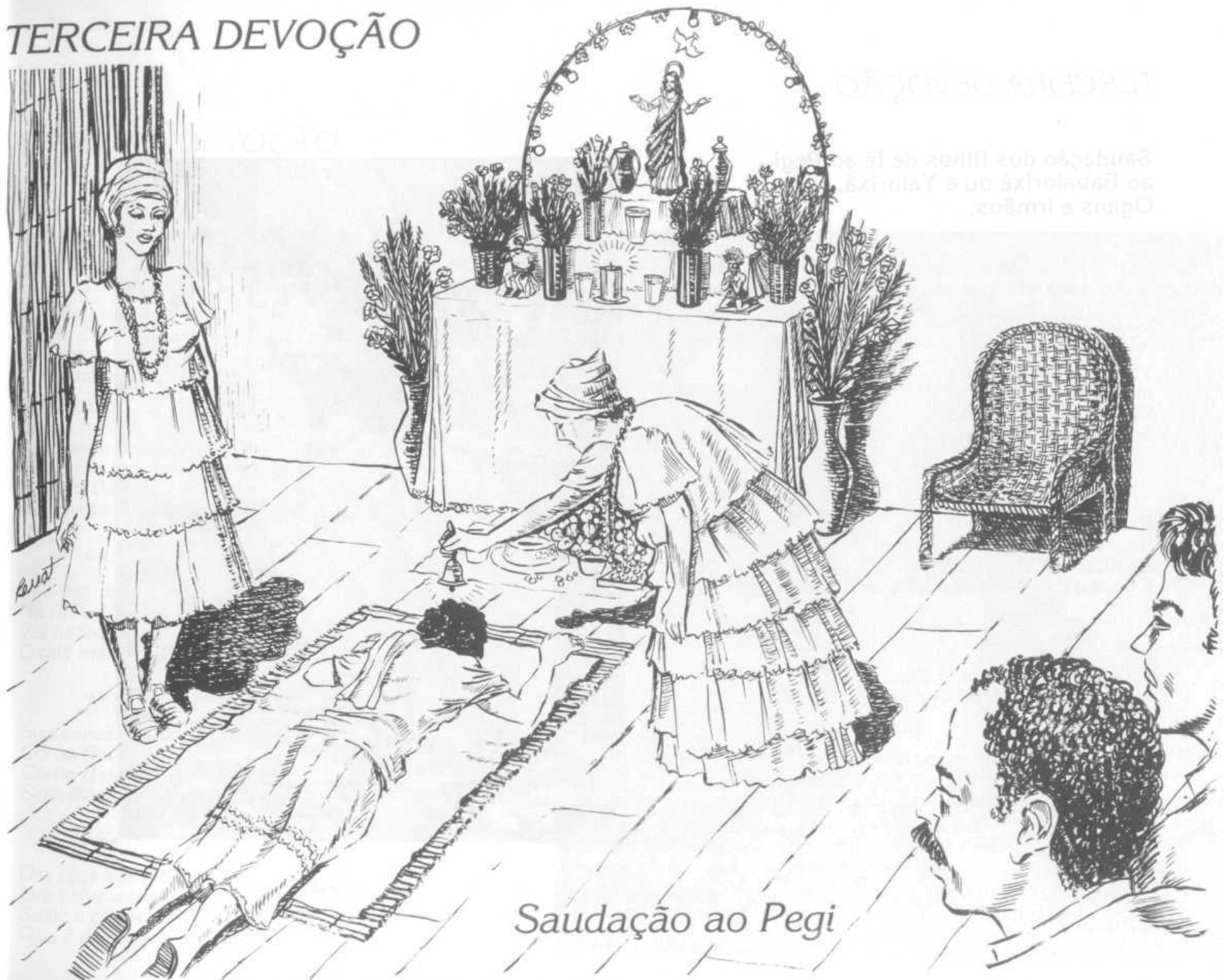
**

Nossa Senhora incensou seu bento filho
 Incensou, incensou para salvar
 E eu incenso a nossa casa
 Pro mal sair, pro mal sair e o bem entrar...



A mãe de santo defuma seus filhos para o ritual a seguir.

TERCEIRA DEVOÇÃO



Saudação ao Pegi

TERCEIRA DEVOÇÃO

Saudação dos filhos de fé ao Pegi,
ao Babalorixá ou a Yalorixá,
Ogans e irmãos.

*Se meu pai é caboclo
Filho de orerá
Vamos saudar o santo
minha gente,
Vamos saudar o Babá
Se meu pai é caboclo...*

*Bate cabeça filho de fé
Bate cabeça neste congã
Bate cabeça filho de fé
E peça a Zambi o que você quer...*

*Bate meus cabeça meu filhos
E peça forças a Babá de orixá
Ora bença papai
Ora bença mamãe
Filho de pemba tem coroa de Oxalá
Com amor e pemba
Com amor e pemba. bis.
Com amor e pemba
Salve Ogun e Yemanjá.*



TERCEIRA DEVOÇÃO

Saudação do Babalorixá ou da Yalorixá
ao Pegi e a todos que estão no Templo.

Vai, vai, vai
Na Fé de Pai Oxalá
Vai bater cabeça Babá bis
Prá seus orixás.

A estrela d'alva
que ilumina o mundo inteiro
iluminai o chefe de terreiro
Salve Omolu, Salve Oxalá
Salve o Babá
E salve todos os orixás.

Vai, vai, vai,
Na fé de Nosso Senhor
Vai bater cabeça Babá
Oxalá mandou...

Sua coroa quem lhe deu foi Oxalá
Coroa Babá, coroa...
Coroa Babá coroa
Seus filhos de fé coroa...

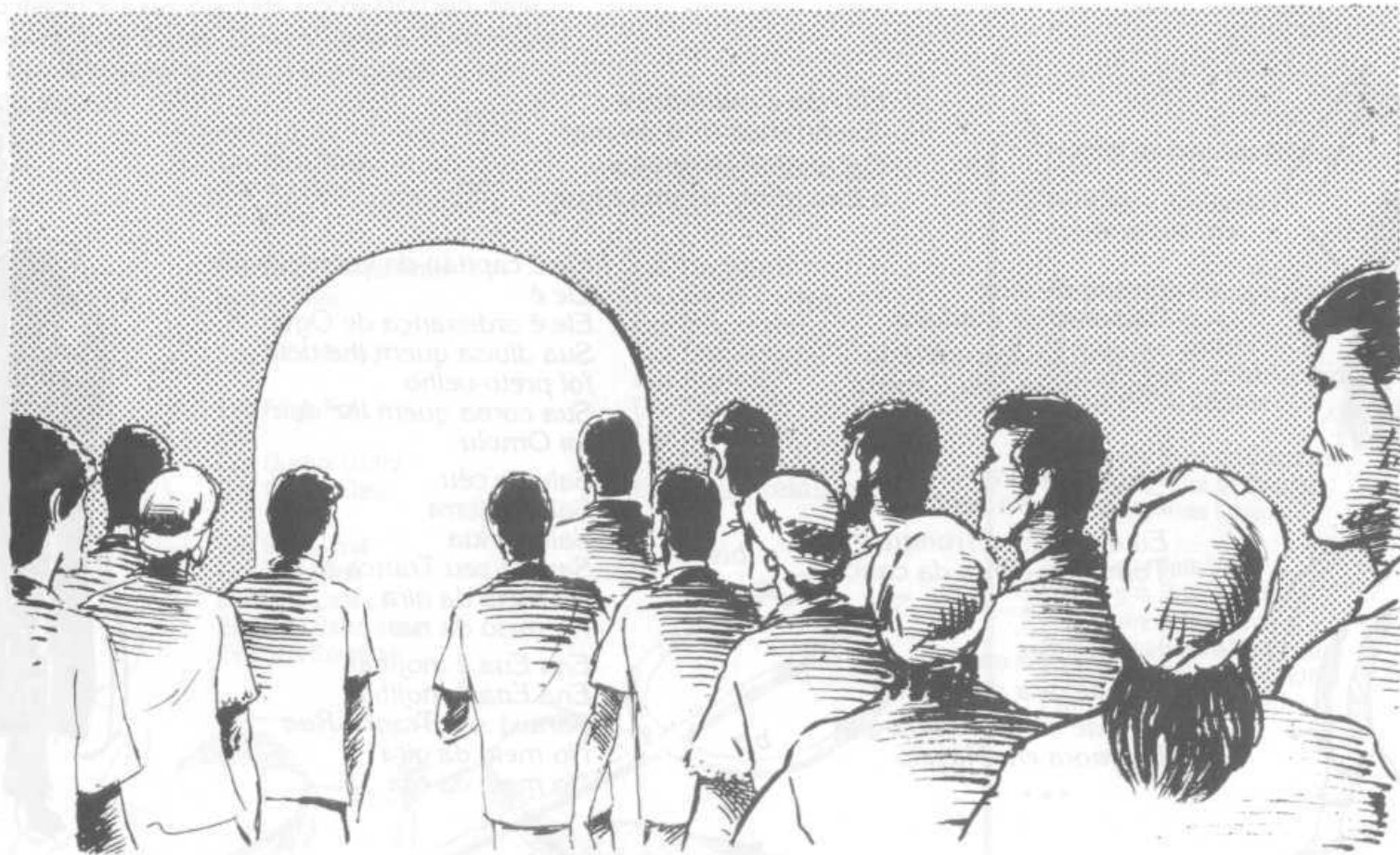
Ora viva a pamba
Ora salve a toalha bis
Salve a coroa
Que é de nosso Pai Oxalá bis.





Saudação da Yalorixá aos participantes do culto.

Saudação a **EXÚ**



Quando feita a saudação para Exu através de cânticos todos os fiéis e assistentes voltam-se de frente para a porta de entrada do Templo, nesta posição dão a entender aos Exus que os mesmos — situados no plano astral — devem seguir para os postos de observação, a fim de prestarem vigilância, enquanto transcorre o cerimonial umbandista.

É de praxe, cânticos para Exu Tranca-rua, para o exu da Casa, para o exu que fica na tronqueira e para Pomba-gira. O número de "pontos cantados" fica a critério do Zelador.

Finda a saudação aos "compadres" dá-se início a Devoção aos orixás, que será apresentada na próxima publicação.

Saudação a Exu — Laroíê Exu



Ele não é marinheiro
que arranca toco no mar bis
Cai chuva cai sereno
o Exu tá no mesmo lugar bis.

Portão de ferro bis
Cadeado de madeira bis
No portão do cemitério
Onde mora Exu Caveira

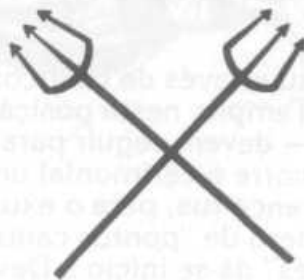
Lá na porteira bis
Eu deixei um sentinela bis
Eu deixei Exu Tronqueira
Tomando conta da cancela

Pomba girê eaê eaê bis
Pomba gira de Maceió bis
A onde mora Pomba-gira
Ela mora em Maceió

Ele é capitão da encruzilhada
Ele é
Ele é ordenança de Ogun
Sua divisa quem lhe deu
foi preto-velho
Sua coroa quem lhe deu
foi Omolu

Salve o céu
Salve a terra
Salve a lua
Saravá seu Tranca-rua
No meio da gira
No meio da rua

Ena Ena é mojibar
Ena Ena é mojibar
Saravá seu Tranca Rua
No meio da gira
No meio da rua...



OS EXUS E SEUS COGNOMES

Além dos conhecidos Exus dos Sete Focos (Marabô, Sete Encruzilhadas, Caveira, Sete Capas, Tiriri, Veludo e Tranca-Ruas) vamos encontrar outros servidores – exus e quiumbas – com nomes diversos. Eis alguns:

Exu Caveirinha
Exu Campina
Exu do Cruzeiro
Exu da Calunga
Exu Calunguinha

Exu do Lodo
Exu Lalu

Exu da Madrugada
Exu da Meia Noite
Exu Mulambo
Exu Mulambinho
Exu Mangueira
Exu Malandrinho
Exu da Mata

Exu Rola Rola
Exu dos Rios
Exu Nova

Exu Pino da Meia Noite
Exu da Praia

Exu Gira Mundo

Exu Pinga Fogo

Exu Quebra Galho
Exu Quebra Osso

Exu Sete Covas
Exu Sete Giras
Exu Sete Luas
Exu Sete Catacumbas
Exu Sete Sombras

Exu Sete Chaves
Exu Sete Ossos
Exu Sete da Lira

Exu Tira Teima
Exu Tranca Tudo
Exu Trinca Ferro
Exu Tatá Caveira
Exu Toquinho
Exu Toco Preto
Exu Tranca Gira
Exu Tronqueira
Exu Toquinho de Duro

Nomes de Pombas-Giras:

Pomba-gira do Cruzeiro
Pomba-gira do Cais

Pomba-gira da Calunga
Pomba-gira Cigana
Pomba-gira Ciganinha
Pomba-gira do Cemitério
Pomba-gira da Calunga

Pomba-gira Rosa do Cruzeiro
Pomba-gira Rosa da Calunga
Pomba-gira Rosa Caveira

Pomba-gira Sete Véus
Pomba-gira Rosa Vermelha
Pomba-gira Sete Cravos
Pomba-gira Rainha da Encruza
Pomba-gira Rainha da Calunga
Pomba-gira Rainha

etc., etc.



Apontamentos

Existem mais de quarenta cânticos "pontos cantados" para o rito da defumação, normalmente são usados apenas dois ou três "pontos" para cobrir o cerimonial.

Inicialmente o cântico é tirado pelo Zelador ou pelo Ogan sozinho, é a chamada rogação, logo após, é acompanhado pelos filhos de fé, sendo então repetido por sete vezes.

...

Após a saudação ao pegi e ao Chefe de Terreiro em que os devotos prosternam-se ao chão literalmente, os Ogans são saudados pelos devotos, quando levam estes, a ponta dos dedos da mão direita ao chão e depois nas bordas dos atabaques, numa simulação respeitosa do "bater cabeça".

...

Em alguns Templos, é comum a presença, junto aos atabaques, de tocadores de afoxé e agogô, principalmente em reuniões festivas.

...

Na Umbanda, existem apenas dois tipos de Ogans: de atabaque e de cânticos. Quase sempre o Ogan de atabaque também é cantor.

...

Três importantes utensílios que estão sempre à mão do Babalorixá ou da Yalorixá: A pemba, o adjá e sua toalha.

...

"Repito o que antes afirmei: pode haver 200 justificativas econômicas e políticas para o incremento da indústria bélica, mas nenhuma justificativa moral que a sustente". Geraldo J. Pereira.

● ●

"O que sabe de eternidade aquele que está envolvido em ganância?" K. Upanishad.

É usual por parte do Zelador, após defumar os quatro cantos do Templo e o pegi, solicitar à sua Mãe-pequena ou Pai-pequeno, complementar o rito da defumação, defumando os ogans, filhos de fé e assistentes. De outras vezes, o sacerdote cumpre todo o ritual.

...

O cumprimento de horário do início e término de uma sessão, diz bem da cobertura astral daquele Templo. Entidades sérias, responsáveis, missionárias e dignas de serem chamadas de "guias", não estão nunca em locais em que há negligência e descaso de um horário a cumprir.

...

Sessões que se prolongam por toda a noite deixam de ser reuniões religiosas para serem simplesmente orgias. Não é Umbanda mas sim, um bando de anímicos e futuros anêmicos.

...

O tempo ideal de uma sessão de Umbanda é de no máximo 3 horas.

...

A magia do ritmo é uma das condições elementares do rito umbandista.

Só se chega a felicidade pelo caminho da bondade.

● ●

Deus não existe... Deus é. Somente nós existimos.

No pegi, altar onde ficam as imagens de preto-velho, boiadeiros, caboclos, etc., não se usam velas, mas uma lâmparina alimentada por óleo vegetal, que deverá estar permanentemente acesa, simbolizando a chama divina.

...

Nas "obrigações" que compõem a Iniciação umbandista, usam-se somente velas de cera — carnaúba ou abelha — sempre de procedência vegetal e nunca velas de espermacete, substância extraída do cérebro de vários cetáceos e também da gordura dos bovinos, ovinos e outros ruminantes. Estas velas de categoria inferior, não possuem a energia suficiente para chegarem ao plano astral, muito mal ao plano etéreo.

...

As velas constituídas de cera vegetal ou procedente das abelhas, têm o poder de transporem o plano físico até o astral, independente mesmo da dinamização por que passam nas mãos do Sacerdote oficialmente.

...

O tempo necessário para a ordenação de um sacerdote de Umbanda é de pelo menos quatro anos de atividade iniciatória no mesmo Templo. O iniciante terá que ser maior de vinte e cinco anos de idade para sagrar-se sacerdote.

...

"Não há no universo nada tão grande como o homem, e não há no homem nada tão grande como o espírito".

● ●

"Se uma religião não atinge nem esclarece a inteligência, se não purifica e eleva as emoções dos seus seguidores, não alcançou seu fim. Está falida!

Observa-se nos Templos de Umbanda recém-fundados a não existência de imagens de santos católicos. Isto acontece em virtude de novos Babalorixás e Yalorixás, devidamente preparados através da doutrina umbandista, esclarecidos e cômicos da sua própria identidade religiosa. A imagem de Jesus o Cristo, reconhecidamente um filho de Oxalá, nada tem a ver com a religião católica pois nem mesmo fundou esta ou qualquer outra religião, mas o Cristianismo.

...

O preparo dos elementos que comporão o defumador para o rito inicial, fica exclusivamente a critério do Babalorixá ou da Yalorixá, que escolherá as ervas a serem misturadas, segundo sua percepção para a ocasião. Eis alguns desses elementos:

Arruda, guiné, alecrim, açúcar mascavo, pedaços de fumo-de-rolô, cânfora, benjoim, café em grão, etc. Usa-se três, quatro ou mais elementos, conforme a necessidade etéreo-astral do ambiente.

...

Na Umbanda existe matanças? Existe sim! A matança, morte, o sacrifício das nossas próprias inferioridades. — Omolubá.

● ●

"A fé é a substância das coisas esperadas e a evidência das coisas não vistas" Paulo — Apóstolo.

Após o rito defumatório o defumador é posto na soleira da porta de entrada do Templo, para que os retardatários possam, ainda, se beneficiar com a fumaça aromática e desintegradora de miasmas astrais.

...

A pomba, além de ser objeto de uso constante do Babalorixá ou da Yalorixá, na sagração de sacramentos, risca também "pontos" que servirão para identificar grupos de falanges que vêm ao Terreiro. A pomba moída, quando de boa qualidade, tem sua serventia em trabalhos simbólicos dentro do plano etéreo. Delimita espaços para feitura de condensadores, círculos, triângulos e linhas de força mágica na consecução de trabalhos junto aos espíritos.

...

O adjá é, antes de tudo, símbolo de autoridade do Babalorixá ou da Yalorixá no Tempo de Umbanda. É acionado entre outras vezes, quando os filhos de fé saúdam o pegi no cerimonial de "bater cabeça" para chamar atenção de todos na louvação ao orixá. O adjá, é instrumento atuante durante as cerimônias sacramentais.

...

A toalha, bordada, em cores ou simplesmente branca, quando estendida no chão, traduz-se em leito sacro, onde o fiel expressa sua humilde devoção ao pegi, ao Zelador, ao orixá e basicamente ao Ser Supremo: OLORUN.

...

"Somos todos responsáveis pela guerra; a guerra é resultante de nosso viver cotidiano; ela é trazida à existência pelo nosso pensar-sentir-agir de cada dia. O que somos, em nossas relações profissionais, sociais e religiosas, projetamos no mundo. O que somos, o mundo é." — Krishnamurti.

HINO DA UMBANDA

J. M. Alves (letra e música)

Refletiu a Luz Divina
Em todo seu esplendor
Vem do Reino de Oxalá
Onde há paz e amor.

Luz que reflete na Terra
Luz que reflete no Mar
Luz que vem lá da Aruanda
Para tudo iluminar.

Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de luz
É força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz.

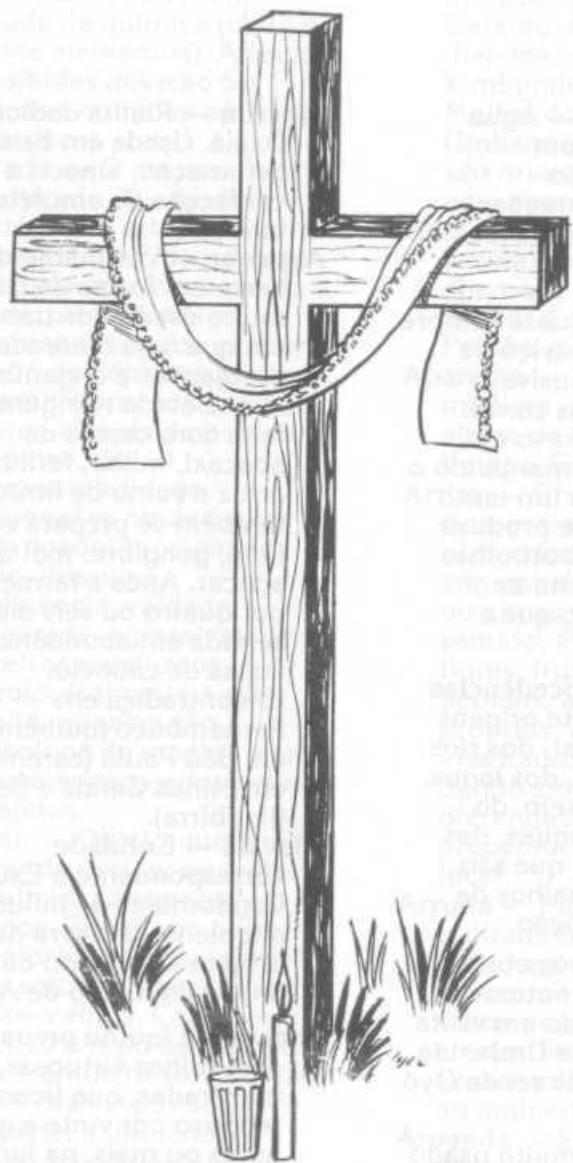
Avante filhos da fé
Como nossa lei não há
Levando ao Mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.

Os atabaques são instrumentos sacros. Quando no preparo de um Ogan, durante sua "deitada", o instrumento acompanha-o no rito iniciatório, isto é, deita-se ao seu lado, o mesmo acontecendo com outros instrumentos: afoxé, agô, cabaça, etc.

...

(No próximo caderno, novos apontamentos).

● ●
"Quem serve ao altar pode viver do altar" Paulo Apóstolo.



O Cruzeiro das Almas é um símbolo constante em todos os Templos de Umbanda. Quando envolto em toalha branca indica gira festiva, com toalha preta, significa luto pelo passamento de um membro da comunidade ali permanecendo por 30 dias.

CREDO UMBANDISTA

Creio em Olorun, Onipotente e Supremo; creio nos Orixás e nos Espíritos Divinos que nos trouxeram para a Vida por vontade deste majestoso Pai.

Creio nas Falanges Espirituais, orientando os Homens na vida terrena; creio na Lei da Reencarnação e na Justiça Divina, segundo a Lei do Carma; creio na comunicação dos Guias Espirituais, encaminhando-nos para a Caridade e a prática do bem; creio na Invocação, na Prece e na Oferenda, como atos de fé, e creio na Umbanda, como religião redentora, capaz de nos levar pelo caminho da Evolução até nosso Pai Olorun.

Glória a Olorun

GLOSSÁRIO

A

- Abrir a gira** — O mesmo que abrir a sessão. Dar início aos trabalhos mágicos e ritualísticos na Umbanda.
- Abrir o jogo** — Iniciar o jogo de búzios ou de cartas. O mesmo que "abrir a mesa".
- Abrir os caminhos** — Trabalhos de magia que algumas entidades fazem no sentido de melhorar a sorte do devoto que enfrenta por demasiado período de tempo, situações de desacertos, contratempos e conturbações na vida cotidiana.
- Acaçá** — Comida afro-baiana. Cozimento de arroz ou milho em água e sal. Em pequenas quantidades é envolvida em folhas verdes de bananeira. É servido nas festas de Umbanda de Preto-Velho ou Exú. Nas oferendas para as entidades não se usa sal.
- Acordar a água** — Movimentar a água contida em um recipiente com a mão direita, para usá-la em trabalhos de magia.
- Adivinhação** — Descobrir o que está oculto por meio hábil e sobrenatural (passado, presente e futuro). Na Umbanda utiliza-se entidades especializadas através de um médium.
- Adjá** — Sineta de metal com até três campânulas usada nos diversos rituais. Na Umbanda a sineta é de apenas uma campânula, sendo usada apenas pelo Babalorixá ou lalorixá. Traduz-se também em símbolo de autoridade de quem a porta.
- Agô** — Palavra do Yorùbá. Pedido de licença, usado pelos devotos e pretos-velhos.
- Agogô** — Instrumento musical composto geralmente de duas campânulas afunilada de diferente tamanho, unidas em um cabo de ferro, tocado por uma vareta de metal. De uso corrente no Candomblé e em alguns terreiros de Umbanda.
- Agô Iê** — Pedido de licença mais completo. Dê-me permissão, peço licença, por favor. A resposta afirmativa: "agô yâ o", licença tem.
- Airá** — Um dos nomes por que é conhecido o orixá Xangô entre outros: Agodô, Abomi, Aganju. Palavra procedente do yorubá = aquele que não enfraquece, não declina.
- Água fluidificada** — Água filtrada posta num recipiente, sendo submetida a vibrações magnéticas de pessoas encarnadas e desencarnadas. As entidades são quase sempre dedicadas ao serviço de cura dando inclusive, sabores diversos como: hortelã, iodo, cravo etc., adocinando ou amargando o líquido que fica um tanto pesado, além de produzir microscópicas borbulhas que ficam adstrita às paredes do vaso que a contém.
- Água das sete procedências** — Águas de sete origens diversas: do mar, dos rios, das cachoeiras, dos lagos, da chuva, do brejo, do chafariz, dos diques, das cacimbas, etc., que são usadas em trabalhos de magia e imantação.
- Alá** — Dossel que acoberta dignatários de outros Templos quando em visita a uma Tenda de Umbanda.
- Alafim** — Título do rei de Oyo (Xangô)
- Aldeia** — Termo muito usado pelos caboclos, também pelos devotos, referindo-se ao povo umbandista, companheiros de trabalho, Templo ou povoado astral. O mesmo que Banda.
- Alecrim** — Planta dedicada a Oxalá. Usada em banhos, defumação, amacis e confecção de amuletos e talismãs.
- Alguídar** — Vasilhame de barro em forma de cone, muito usado nos trabalhos em que haja oferendas, obrigações e engambelos.
- Aluá** — Bebida refrigerante feita com cascas de abacaxi, milho, farinha de arroz e sumo de limão; também se prepara com fubá, gengibre, mel ou açúcar. Após a fermentação por quatro ou seis dias é servida em abundância nas festas de caboclo. Encontrada em Pernambuco (quibembê), em São Paulo (caramburu) em Minas Gerais e Bahia (jinjibirra).
- Aluvaia** — Entidade correspondente a Exu nos Candomblés de influência angolense. Palavra de origem kimbundo ou outra língua da região de Angola.
- Amaci** — Líquido preparado com folhas virtuosas, maceradas, que ficam em repouso por vinte e quatro horas ou mais, na luação plena, para uso iniciático na cabeça dos devotos, pés, mãos e colares. A água empregada deverá ter procedência da chuva, das nascentes dos rios, das

cachoeiras. A água da bica é desaconselhável em virtude da química (cloro e outros elementos). As ervas escolhidas deverão ser frescas e colhidas ao entardecer.

Amarrado — O mesmo que enfeitado. Diz-se de alguém que está com a vida presa. Nem vai para frente nem para trás, na sua vida social, profissional e amorosa. Possuído por um estado de depressão, julga-se inútil e procura quase sempre através da bebida, do tóxico, da irresponsabilidade funcional se ainda estiver empregado, fuga para o vazio. Preguiça, negligência, vaidade exagerada, agressividade a terceiros conduzem psicologicamente a este estado, quando não, "trabalhos de magia" que lhe são endereçados pelos desafetos.

Amuleto — Objeto que tem o poder de desviar ou evitar malefícios, desgraças e feitiços. Preparado pelo Babalorixá ou pela lalorixá é dinamizado pelos guias: Pretos-Velhos, Caboclos e Exus. O tempo de vida útil de um amuleto varia entre 7 e 70 dias. Após seu desgaste, a influência é apenas psicológica.

Ananburucu — Um dos nomes do Orixá Nanã.

Angola — Região do sudoeste da África, na costa do Atlântico. Desse país

vieram grande número de escravos para o Brasil. Detentores de vários dialetos, entre eles o kimbundo.

Muitos dos mentores de Umbanda no plano astral, são oriundos dos angolanos aqui aportados.

Anis — Erva umbelífera, aromática, também chamada de erva-doce. O licor é de agrado das Pomba-giras.

Aparelho — Nome dado a um médium que recepciona almas de Caboclos, Pretos-Velhos, Exus, etc.

Arriar — Oferendar nas matas, rios, praias, cachoeiras etc., oferendas, obrigações, engambelos, para os orixás ou almas com determinado sentido. Podendo ser: flores, frutos, folhas, raízes, bebidas, aviamentos próprios, devidamente imantados no Terreiro. Sendo simplesmente oferendas, poderão ser preparados no próprio local.

Arruda — Planta muito utilizada nos descarregos, defumações, banhos, passes, rituais mágicos etc., usada popularmente para afastar "mau olhado" e acusar influências negativas no ambiente.

Aruanda — Pequena cidade situada no plano astral brasileiro, cuja população é composta de "guias" desencarnados da Umbanda. Destaca-se topograficamente por ser

repartida por um rio de tonalidade azul que atravessa a povoação por mais de seis quilômetros. Considerado sagrado, o Rio Azul, serve para banhos purificadores. Suas margens são ladeadas por ervas e flores, encontrando-se muitos locais reservados para cerimônias, onde são feitas orações ao entardecer.

Astral — Plano menos denso que o plano físico. Local para onde se dirigem as almas dos mortos. Plano das emoções. Um Universo se compõe de vários planos distintos não superpostos mas interpenetrados: Plano físico, astral, mental etc.

Atabaques — Tambores de madeira, altos com tampa de couro na extremidade. Na Umbanda, usa-se apenas dois. Servem para produzir vibrações diferentes no acompanhamento dos cânticos. Os instrumentos considerados sagrados acompanham os Ogans no rito da iniciação dos mesmos.

Atotô — Saudação ao Orixá Omulu. Significa: escutai, silêncio. Como se um arauto público advertisse a todos da passagem do grande Orixá, Senhor da morte. Na Umbanda repete-se três vezes, levando a mão direita ao chão, batendo por três vezes.

Atuado — Diz-se do médium possuído pela entidade ou

por vibrações do hiperfísico.

Azeite de dendê — Óleo extraído da palmeira do dendê. Na Umbanda é usado fartamente no preparo da "farofa de exu" feita com farinha de mandioca. O dendê traz a força energética do sol e a farinha, força telúrica da terra.

Azeite doce — Óleo que se extrai da azeitona. Pouco usado na Umbanda. Usa-se contudo o óleo de mamona para a luz da lamparina que fica no peji.

Azuela — Ordem partida do Zelador para que batam palmas a fim de animar a festa.

Axé — Força mágica vital encontrada em determinados materiais principalmente certos metais que reunidos, são enterrados ritualisticamente no centro do Terreiro, constituindo astralmente uma coluna em cuja outra extremidade se assentará a egrégora protetora do Templo. Simbolicamente a ligação do plano físico ao astral.

B

Babá — Do Yorubá Pai. Designação de pai. Chefe masculino responsável pelo Templo de Umbanda.

Babalorixá — O mesmo que Babá. Sacerdote também chamado de Pai-de-Santo, Zelador, Chefe de Terreiro, Cabeça Maior, Tata (com mais de 30 anos de atividade ininterrupta). Padrinho, tendo a função de fazer cumprir a ritualística das sessões, cumprir os sacramentos, promover a iniciação dos devotos, responsabilizar-se pela guarda do Templo, entre outras obrigações.

Babalawô — Cargo de alta categoria no Candomblé. Adivinho, sacerdote de Ifá. O mesmo que Oluô. Título não existente na Umbanda.

Bacuro — Espírito da natureza que jamais teve corpo físico. Descendente da linha dévica. Elementais.

Bacuro de pamba — Diz-se de uma pessoa que frequenta, assiduamente, o Templo de Umbanda e procura colaborar, com empenho, na parte administrativa. Protegido das entidades do Terreiro.

Baixar — O mesmo que "receber". Incorporação de guias ou de vibrações personificadas no médium.

Bamba — O mesmo que valente, forte, temível. Do Ambundo Mubamba.

Banda — Lugar de origem da entidade ou do devoto.

Bango — O mesmo que dinheiro. Normalmente usado pelas entidades que chegam ao Terreiro em conversas com os "filhos de terra".

Banho de descarga — Banhos específicos, com determinadas ervas e outros elementos, que têm o poder de limpeza no corpo etéreo-astrol do paciente.

Banho de ervas — São banhos com folhas escolhidas pelo Babalorixá, a fim de produzirem energias próprias ao organismo e ao psiquismo do necessitado. Também aconselhado por entidades que pretendem harmonizar o campo físico e emocional do consultante.

Barracão — Extensos locais onde se processam as festas e reuniões dos cultos afro-brasileiros. Sem uso na Umbanda, onde o Templo tem divisões específicas.

Bater — O mesmo que tocar atabaques. Realizar uma sessão ao som dos atabaques.

Bater cabeça — Reverência feita literalmente ao pegi e ao Zelador do Culto. De maneira simulada (levando a mão direita ao chão e, em seguida, a frente) usa-se para ogans, mãe-pequena e a outros Chefes de Terreiro que estejam em visita.

Bater ombros — Saudação somente usada pelos caboclos e boiadeiros que tocam seu ombro direito no ombro esquerdo do cumprimentado e depois seu ombro esquerdo no direito daquele, de maneira rápida e viril, após o qual, batem no peito com

energia, dando seu nome e prometendo proteção.

Batismo de umbanda — Um dos sacramentos da religião, realizado pelo Babalorixá ou Yalorixá em crianças de tenra idade, enquanto que o maior de idade se submete à Obrigação de Vinculação, que é a primeira da iniciação umbandista no caminho do sacerdócio.

Batismo dos atabaques — Cerimônia em que o atabaque acompanha o Ogan na sua Vinculação. Durante a "deitada" do Ogan, o mesmo acontece com o instrumento, que passa de profano a sagrado.

Beijadas — Almas infantis que chegam, sob a proteção de Pretos-Velhos e Caboclos, para visitarem os Terreiros, em determinadas épocas. Termo derivado de Ibêji, os gêmeos.

Benzedura — Ato de tentar a cura de um paciente, através de orações e da magia mimética, levando ao mesmo energias vitalizantes com imposição das mãos do benzedor e centralizando-as através de sinais com a pamba, carvão, plantas próprias etc.

Boiadeiro — Almas de criaturas que, no solo brasileiro, foram boiadeiros, colonos, agregados e peões que viveram no passado. Ingênuas, simples e trabalhadoras, sempre alegres, gostam

imensamente de tirar "pontos cantados". Dado o mote, improvisam a glosa de advertência, louvor, tristeza, vitórias e a rotina a seguir. Estão sempre a rodar uma corda como se fossem laçar um boi invisível. Os médiuns, a fim de agradá-los, paramentam-se com roupas de vaqueiro. Suas giras são quase sempre festivas. Deixam o Terreiro carregados beneficentemente, com muita força vital trazida dos campos astrais e físicos.

Bonbojira — Nome dado a Exu quando não se lhe conhece o nome. Palavra procedente do Kimbundo.

Breve — O mesmo que patuá. Um pequeno saco de pano, couro ou papel em que se guarda uma oração, imagem ou símbolo riscado. Segundo a tradição popular, tem efeito por sete semanas, apenas.

Buginganga — Coisa sem valor, quinquilharias, coisa sem importância.

Burro — Termo usado pelos Exus quando se referem aos seus próprios médiuns.

Búzio — Concha branco-amarelada, também chamada de cauri. Serve para enfeitar, compor obrigações e oferendas e, principalmente, para o chamado "jogo dos búzios", no qual são usados, normalmente, 16 ou mais búzios. Na Umbanda, raros são os pais-de-santo que jogam e

aqueles que o fazem são quase sempre oriundos dos candomblés. Os auxiliares invisíveis são Exu e Pomba-Gira que produzem um código e, ao mesmo tempo, "falam" ao médium, através da mediunidade de clauridiência e de efeitos físicos.

C

- Cabeça feita** — Diz-se daqueles que passaram pelo ciclo iniciatório das obrigações na Umbanda; conseqüentemente, "feitos" Babalorixá ou Yalorixá.
- Cabeça maior** — Babalorixá ou Yalorixá de muito prestígio entre seus pares.
- Cabeças de legião** — Exus de primeira categoria, comandantes de grupos, estacionados em locais estratégicos. Não trabalham em Terreiros.
- Cabeças de oratório** — Médiuns despreparados, anímicos, que recebem guias e vibrações diversas, sem nenhuma produtividade. Presa fácil de espíritos obsessores, desocupados e brincalhões.
- Cabinda** — Região africana perto de Angola e da Foz do Rio Congo. De lá, partiram muitos escravos para o Brasil, muitos dos quais, após desencarnados, vieram trabalhar nos terreiros de Umbanda.

Caboclos — Indígenas civilizados, produtos de índio e branco. Designação genérica para as almas de indígenas, que vêm trabalhar nos terreiros de Umbanda. Conhecidos pelos nomes de: Girassol, Arranca Toco, Sete Encruzilhadas, Quatro Cantos, Sete Flechas, Caboclo Guiné, Pedra Branca, Cobra Coral, Arruda, Aymoré etc. Também vamos encontrar Caboclas que prestam sua colaboração, destacando-se: Cabocla Jurema, Iara, Estrela do Mar, Jureminha, Indaiá, Jupira, Jupiará e outras. Todos são oriundos da selva brasileira, além de outros espíritos afins que trabalham nesta faixa de manifestação.

- Cachimbo** — Instrumento próprio para fumar, possuindo um forninho onde se põe fumo picado, e um tubo fino por onde se aspira a fumaça. Usado pelos médiuns quando incorporados com Pretos-Velhos, em sua maioria.
- Cacurucaio** — Designação dada pelos Pretos-Velhos aos seus locais de reunião. Diz-se também de uma entidade mais idosa que eles.
- Cafifado** — Pessoa sem sorte, azarada.
- Cafioto** — Menino, criança.
- Cair no santo** — Entrar em transe. Ato de possessão.

- Calunga-grande** — Do Ambundo. Kalunga — mar, oceano.
- Calunga - pequeno** — Cemitério, morte, doença, pequeno. Divindade do culto banto.
- Cambono** — Auxiliar direto do Zelador, inclusive dos médiuns, quando incorporados, providenciando, zelosamente, cachimbos, charutos, velas, anotando receitas e traduzindo para os consulentes a linguagem tosca de certas entidades.
- Caminhos abertos** — Caminhos (da vida) sem problemas e dificuldades.
- Caminhos fechados** — Caminhos (da vida) com problemas, doenças físicas e emocionais, perturbações mentais, podendo ser causadas por influências malélicas.
- Camutuê** — Provém do Kimbundo — cabeça, cabecinha.
- Candomblé** — Local onde se realizam cerimônias secretas e festas religiosas do culto afro-brasileiro. Existindo denominações de Candomblé de Angola, Caboclo, Congo, Ketu e Jeje, este último em fase de extinção no país.
- Canjica** — Comida feita de milho bem cozido com pouco sal, leite de côco, açúcar, canela e cravo. Também chamado de mungunzá na Bahia. Oferecido, simbolicamente,

ao orixá Oxalá (nesse caso, sem sal). Servido em reuniões festivas.

- Canjira** — Conjunto de cânticos e danças no ritual, girando em círculos, em homenagem às almas.
- Candongoiro** — Hipócrito, manhoso, arteiro, esperto, treiteiro.
- Canzuá** — Casa. Corruptela de Gantois. Do Kimbundo — cabana.
- Caó** — Expressão retirada da saudação ao orixá Xangô. Kauô Kabiecile.
- Carma** — Do sânscrito Karma. Fisicamente — ação; metafisicamente — Lei de causa e efeito. O carma não castiga nem recompensa, apenas dá cumprimento à Lei Universal. "A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória".
- Casa das almas** — Pequena construção de tijolos, caiada de branco, dedicada às almas e aos Pretos-Velhos de Umbanda. No seu interior, encontram-se velas, fumo picado, mingau, flores, galhos de arruda, guiné e outros apetrechos.
- Casa de Exu** — Pequena construção de tijolo com porta e cadeado. Também chamada de "coiôca de exu". Local onde se processam certos rituais secretos e guarda de suas bebidas, velas e outros objetos do culto.
- Cavalo** — Designação dada pelas entidades aos seus médiuns.

Centro — Um dos nomes designativos do Templo de Umbanda.

Centro de Umbanda — O mesmo que Templo. Local de culto umbandista.

Cigana — Nome de algumas Pomba-Giras que se apresentam no Terreiro, oriundas da legião de ciganos que, no astral, optaram pela religião de Umbanda.

Cinda — Designação do orixá Oxum, um dos seus nomes (Mamãe Cinda).

Clarividência — Mediunidade que dá ao seu possuidor visão, não só no plano etérico, como também no astral, com bastante nitidez e profundidade. Mediunidade raríssima na Umbanda e na área espiritualista.

Clauridiência — Mediunidade que dá ao seu possuidor possibilidade de ouvir os espíritos.

Coisa feita — O mesmo que mandinga, feitiço. Magia em ação, atuando sobre pessoa visada.

Coisas do santo — Tudo o que se relaciona com o culto dos orixás e das almas, incluindo seu poder atuante.

Coité — Também cuité. Vasilhame feito com a metade de um coco, onde são servidas as bebidas.

Comida seca — Comidas oferecidas aos orixás, sem que haja sacrifício animal.

Compadre — Tratamento amigável para com Exu.

Sendo Pomba-Gira, diz-se "Comadre".

Condensador — Recipiente com água, óleo e outras misturas, dentro de uma demarcação feita com risco de pomba, a fim de concentrar, energizar forças vitais a uma operação de magia.

Congá — *Corruptela* de gongá. Altar, pegi.

Consulta — Conversa daqueles que procuram os "guias", o pai ou mãe de santo para expor problemas e obter soluções.

Corimba — Curimbas, cânticos religiosos, pontos cantados em devoção às almas e orixás.

Coroa bonita — Halo visto pelos videntes em volta da cabeça do médium bem assistido.

Criança — Elemental ou espírito que aparece, nessa faixa de trabalhos, para estabelecer contatos proveitosos em prol dos freqüentadores.

Cruzamento do terreiro — Rito inicial em que o Babalorixá cruza o Terreiro nos quatro cantos. Atualmente, é feito simultaneamente com a defumação, sendo, então, saudados os quatro elementos (água, terra, fogo e ar) da natureza.

Cruzar — Sinais em cruz feitos pelo Babalorixá nas mãos, testa, pés do iniciando, com a pomba. Entidades também o fazem em certos objetos.

Curiá — Beber bebidas alcoólicas (licores, vinhos e aguardentes).

D

Dança ritual aos orixás — Modo como o devoto dança, ritualisticamente, para agrado, devoção, enlevo e produção, ao mesmo tempo, de energias específicas e atuantes no plano etéreo-astral, que servem para o enriquecimento da força vital do axé do Templo. Cada orixá é mimeticamente imitado, conforme pressuposto de sua manifestação no plano físico. As danças para o orixá Yemanjá, por exemplo, são executadas com o corpo ondulante, mãos com as palmas voltadas para baixo à frente do corpo, que ondulam conforme as ondas do mar. Ogun — dança-se com o peito erguido e em movimentos ágeis, como se estivesse em uma aguerrida luta de espada, sempre avançando e vencendo inimigos que surgem desafiando o orixá, na sua interminável luta contra as inferioridades que atingem o ser humano. Para cada orixá uma postura diferente, conforme a sua dignidade de Senhores da Vida.

Dandá — Também conhecido por dandá da costa. Planta medicinal, em forma de capim odorífero, procedente das margens de alguns rios. Empregado com muita freqüência em banhos, calmantes, defumações e pós. Erva dedicada ao orixá Oxalá e Xangô.

Dar firmeza (Aos trabalhos ou ao Terreiro) — As firmezas são executadas pelo Babalorixá ou entidades, quando percebe-se a necessidade de condensar fluidos para maior eficiência dos trabalhos da gira ou das obrigações em curso, feitos através de pontos cantados e riscados. Pó de certas ervas que dá maior vibração ao local, ficando, assim, em sintonia com os trabalhos a serem realizados.

Dar passagem — Ato pelo qual um "guia" incorporado retira-se rapidamente, para que outra entidade lhe substitua no corpo do médium, por determinado tempo. Operação realizada pelos espíritos comunicantes, de mútuo acordo.

Deitar para o santo — Expressão designativa do iniciando que vai participar do cerimonial da 6.^a e 7.^a Obrigação Sacerdotal, onde o devoto complementará o ciclo de obrigações ritualísticas.

Demanda — Desentendimento, litígio,

luta empreendida por uma pessoa contra outra, através de métodos mágicos.

Demandeiro — Aquele que toma a seu cargo — encarnado ou desencarnado — planejar, organizar, chefiar uma demanda contra encarnados ou desencarnados.

Dendê — Ou dendezeiro. Palmeira alta, de folhas pinuladas, originária da África, aclimatada no Brasil. Do seu fruto, tira-se um óleo (dendê), qual uma gordura semi-sólida, comestível, inflamável, vermelha ou marrom-amarelada. Tem muitas utilidades: é usada na Umbanda para a confecção da "farofa de exu"; seu poder energético provém não só do sol, como da terra, conferindo-lhe uma energia que ultrapassa o plano físico até o plano astral.

Dengo — O mesmo que carinho. Dengosa, quando se refere a aguardente de cana.

Desatar o nó — Desfazer trabalho pequeno que estava infelicitando alguém.

Descarga — Através de banhos, passes, defumações, ritos mágicos efetuados pela entidade, até mesmo com a queima de pólvora, quando o caso assim requer. Providências, cujo propósito é o de "descarregar" o paciente.

Desencarnar — Deixar o corpo físico, morrer, ir para o plano astral.

Despachar — Fazer um ebó que será despachado para o bem ou mal. Engambelo feito a Exu para determinado intento.

Desmanchar trabalhos — Anular efeitos negativos vigentes através de "trabalhos", específicos, com ajuda das entidades competentes.

Descer — Diz-se das entidades que se apossam dos médiuns para iniciarem seus trabalhos na gira, sessão etc.

Desenvolvimento — Adestramento a que o médium é submetido, em sessões reservadas, a fim de aprender, controlar a técnica de recepção de espíritos e sintonizar melhor suas vibrações com a dos "guias". Conhecimento e estudo da doutrina umbandista.

Dijina — Cognome, nome iniciático dado por certas entidades ao devoto, quando o mesmo atinge o grau de Babalorixá ou Yalorixá. Não é prática comum na Umbanda. Quase sempre, a dijina é dada ao fiel com prefixo ou sufixo que lembre o nome de um orixá, a fim de homenageá-lo.

Dona da tempestade — Refere-se ao orixá Iansã.

Dona Janaína — Um dos nomes do orixá Yemanjá. Citada pelas populações

ribeirinhas, onde não chega o mar. Palavra do yorubá, significa "Mãe, que a todos honra".

Dona das folhas — Refere-se, especificamente, ao orixá Ossãe.

Dono da cabeça — Diz-se do primeiro orixá do devoto. Na Umbanda, cada fiel possui dois orixás protetores, ou seja, duas energias que preponderam sobre o seu corpo físico, astral e mental, proporcionando harmonia e condições próprias para o desdobramento de qualidades natas.

Dumba — Mulher, companheira, esposa.

E

Ebó — Do yorubá oferenda. Oferta com sacrifício a qualquer orixá. Na Umbanda, o termo é usado para qualificar o engambelo a Exu.

Egun ou egungun — Diz-se das almas dos mortos, ancestrais que voltam à terra, através de cerimoniais próprios.

Elegbará — Título de Exu. Diz-se também Elegbára. Significa dono, possuidor, força, poder. Palavra procedente do yorubá.

Elementais — Espíritos da natureza. Seres materiais, porém invisíveis para nós,

de natureza etérica. Não são imortais e possuem vários graus de inteligência. Uns são de índole benéfica, outros, maléfica. São desenvolvidos nos quatro reinos ou elementos: Terra, fogo, ar e água. Os cabalistas os denominam de Gnomos (da terra), Silfos (do ar), Salamandras (do fogo) e Ondinas (das águas). Os elementais seguem, evolutivamente, dentro da linha dévica ou dos Orixás.

Elementares — Cadáveres astrais dos mortos, contraparte etérea de alguém que viveu e que, cedo ou tarde, decompõe-se em seus elementos astrais, de igual modo que o corpo físico. Que se dissolve nos elementos a que pertence. Não têm consciência própria; na maioria das vezes, recebem vitalidade, através de magistas e até de médiuns, podendo, inclusive, recordar, falar e agir.

Emanações — Efluência de substâncias voláteis dos corpos que as contêm. Diz-se dos "trabalhos" que são constituídos por diversos elementos.

Encantados — Designação de forças sobrenaturais que aparecem segundo as lendas das várias regiões brasileiras, como animais, pessoas de tamanho desproporcional que vivem sob as águas dos rios, nos campos e florestas. Termo

comum da pajelança amazônica.

Encarnação — Ato de tomar forma carnal. Cada uma das existências do espírito, quando unido ao corpo. Mudança de personalidade temporária de um médium, que recepciona um espírito, utilizando-se dos seus órgãos para falar e agir.

Encosto — Perturbação provocada por espírito atrasado e até mesmo desconhecedor do seu estado no plano astral. Agarra-se tenazmente ao corpo etérico da pessoa encarnada, causando moléstias, desequilíbrios, desarmonias etc. Existem, também, trabalhos de feitiçaria em que se empregam espíritos obsessores para o trabalho de "encosto" (colagem) contra a pessoa visada.

Encruza — Ritual efetuado somente pelo Babalorixá ou Yalorixá, para abertura da sessão e conseqüentes trabalhos, saudando com este feito os elementais do ar, fogo, água e terra. O Babalorixá, com a pomba, traça cruces nas mãos, testa e nuca dos iniciandos, para consecução de um rito. Atualmente, o rito de encruza é feito, simultaneamente, com o rito de defumação, onde o Babalorixá do centro do terreiro caminha para um canto convencionado a um elemental e, depois,

voltando ao centro, dirige-se a outro canto e assim por diante, fazendo do centro o pião de sua atividade ritualística. Usam-se pontos cantados especialmente para a atividade de encruzamento.

Entidade — Designação feita aos Caboclos, Pretos-Velhos, Exus, Crianças e Boiadeiros que vivem no astral e já não participam mais, por si mesmos, da forma física.

Encruzilhada — Também chamada de encruza. Confluência de quatro ruas ou estradas onde se colocam despachos para Exu. Local onde, à meia noite, se reúnem Exus e quiumbas para discutirem ou tratarem de assuntos pertinentes às suas empreitadas. Na Umbanda, os ebós para Exu são feitos no Templo, em dependência própria, e lá ficam por três dias, quando, então, são jogados no lixo. As encruzilhadas das cidades já não são usadas para despachos, em virtude da poluição advinda de gases (monóxido de carbono, hidrocarbonetos, óxido de nitrogênio) e outros.

Engambelo — Qualquer oferta a Exu leva esse nome. O mesmo não se diz das ofertas, por menores que sejam, aos orixás. A palavra significa também: enganar, iludir

jeitosamente, ser agradável até poder, no futuro, dar coisa de maior valor.

Enjira — O mesmo que sessão, gira, canjira. Cerimonial ritualístico em que se procedem as danças, cânticos, reverências, toda a devoção aos orixás e preito de amizade às almas presentes e ausentes, constantes na Umbanda.

Epa, epa, babá — Saudação a Oxalá. Na Umbanda, além da exclamação, a saudação ao orixá é feita com os fiéis arrojando-se no chão, em cima de toalhas, coletivamente, entoando orações, em sinal de máxima devoção. É a única saudação que é feita sem danças; os atabaques apenas rufam baixinho.

Esotérico — Termo derivado do grego esotérikos, "interno", "recôndito", em contraposição a exotérikos, "externo", "público". No campo religioso, esotérico era o que se ocultava à generalidade das pessoas, possibilitando conhecimento somente aos "iniciados", enquanto que exotérico seria o que se podia mostrar ao grande público. Em fins do século passado, a palavra Esoterismo passou a se constituir em uma filosofia ou doutrina. Todas as religiões possuem o seu lado esotérico. Não existe "Umbanda esotérica", mas esoterismo na Umbanda ou

"Umbanda iniciática"; simplesmente, iniciação na Umbanda.

Erê — Elementais, vibrações ingênuas, infantis, oriundas dos orixás. Na Umbanda, os Erês são assimilados como crianças, espíritos jovens que, geralmente, vêm de Aruanda, conduzidos por Caboclos e Pretos-Velhos, para participarem de reuniões denominadas "Festas dos Ibejes".

Espada — Arma branca, ofensiva e defensiva, constituída por uma lâmina comprida, de ferro ou aço, cortante e perfurante. Um dos símbolos de luta do orixá Ogun.

Espírita — Neologismo criado pelo pensador Allan Kardec, em 1857. Designa aqueles que são partidários do Espiritismo.

Espiritismo — Doutrina professada pelos espíritas, segundo a qual, os espíritos dos mortos podem entrar em contato com as pessoas vivas, principalmente pela ação dos médiuns, conforme se pode observar pela atuação de espíritos que fazem cirurgias, pinturas, literatura etc. Nome que pretende designar toda a sorte de manifestações do hiperfísico, como sendo espíritos de mortos e que constitui a principal razão da filosofia e doutrina codificada por Kardec. Existem, contudo, outras palavras para definir

a mediação dos fenômenos, tais como: mediunismo, sensório etc.

Espírito de luz — Diz-se de almas adiantadas que comparecem aos Terreiros como Pretos-Velhos e Caboclos, trazendo mensagens objetivas, curas, advertências e seguras orientações aos filhos de fé e consulentes.

Estar com o santo — Diz-se de uma pessoa que está mediunizada com seu guia protetor.

Estar sem santo — Designação feita a alguém que, embora parecendo mediunizado, voluntária ou involuntariamente, está apenas dentro de um processo anímico, não havendo, portanto, presença de espírito algum.

Esteira — Tapete grosso, tecido de palha, junco, taquara etc. que serve para cobrir o chão e outros usos. Na Umbanda, a esteira de palha é a preferida como assento, confecção de teto falso e, principalmente, para as "deitadas de obrigação" durante o ciclo iniciatório, servindo de leito para os iniciandos.

Evolução — Diz-se da Lei de Evolução. Sendo a Umbanda sincrético ao Hinduísmo, assimilou da mesma três grandes leis: carma, reencarnação e evolução. Toda e qualquer resposta criadora que o ser obtenha de si mesmo

dentro do processo de autoconhecimento conduz à sua própria evolução.

Exu — Do yorubá Esfera, aquilo que está em todos os lugares. Originariamente, um elemental tratado no continente africano. No Brasil, este trato continua apenas nas verdadeiras Casas de raiz. Na Umbanda, a palavra Exu dá nome aos membros de uma Organização, constituída de espíritos: a Organização dos Sete Focos. Cada foco tem um orixá como patrono e é dirigida por um mentor, auxiliares imediatos e milhares de exus de 1.^a, 2.^a e 3.^a categorias, sem contar com outros milhares de espíritos denominados de "quiumbas", que trabalham, tenazmente, a fim de conseguirem colocação oficial na Organização, e, assim, ostentarem o nome de Exu. As promoções e o ingresso na citada Organização acontecem de sete em sete ou de vinte e um em vinte e um anos.

Exu de luz — Diz-se de um Exu mais categorizado, apto a exercer funções específicas qualificadas para o bem.

Exu batizado — Denomina-se a um Exu que pertence à Organização dos Sete Focos, não sendo mais uma "quiumba".

F

Falange — O mesmo que legião. Formação militar usada na Grécia antiga. Palavra usada na Umbanda para determinar um grupo de espíritos bons ou maus.

Falangeiro — Diz-se de um espírito que pertence a um determinado grupo, sendo o seu responsável.

Farofa de exu — Comida feita com farinha de mandioca, azeite de dendê, cebolas, bifes untados no azeite, sendo de muito agrado dos exus. Existem outros tipos de farofa, tais como: de água, mel, aguardente, anis etc.

Fazer cabeça — Preparar o filho de santo em todas as sete obrigações ritualísticas que o conduzirão ao posto de Sacerdote da religião de Umbanda. O mesmo se submeterá por quatro anos seguidos à Iniciação, que fortalecerá sua coroa (chacra coronário) para desígnios na senda religiosa.

Fechar a gira — O mesmo que encerrar a sessão. Dar por findo os trabalhos no plano físico, após a "subida" das entidades ao plano astral.

Feitiço — Trabalhos mágicos para confluência de energias negativas que serão dirigidas contra alguém. Ebó, coisa feita, muamba, bozó, despacho,

mandinga, congerê, coisa ruim, trabalhos de esquerda e outras denominações que caracterizam forças maléficas feitas à distância, com ajuda de espíritos especializados. Também pode ser por ingestão de comidas, líquidos ou pertences da pessoa visada.

Feitura de santo — Na Umbanda não há feitura de santo, já que este termo está afeto aos Cultos de Nação. Significa uma seqüência de ritos e providências dentro do processo iniciatório do candomblé.

Fazer confirmação de santo — Decorridos sete meses da 6.^a. Obrigação, conhecida como Obrigação Sacerdotal, o Babalorixá ou Yalorixá submete-se à Confirmação de Santo, que é a sétima e última do ciclo de Obrigações da Iniciação ritualística na Umbanda. A Confirmação será repetida de sete em sete anos pelo Iniciado, já sacerdote.

Fazer o santo — Decorre da necessidade espiritual de alguém se submeter aos ritos da Iniciação.

Filho de fé — Diz-se daquele que frequenta, assiduamente, os templos de Umbanda, médium ou não. Criaturas que depositam fé os postulados da religião umbandista.

Filho de santo — Expressão popular dirigida àqueles que professam a religião de Umbanda ou Candomblé e

atuam como médiuns, cambonos e ogans. Também chamados de "filhos no santo".

Fundanga — O mesmo que tuia, pólvora, espanta diabo etc. Serve para trabalhos de descarregos. Palavra originária do Kimbundo.

Figa — Amuleto ou talismã de madeira, metal ou osso em forma de mão fechada, com o pelegar entre os dedos indicador e médio, muito usado para afastar mau olhado e influências negativas. Representa também o ato sexual, simbolizando a fecundação e a reprodução. Sinal feito com a mão, pondo os dedos como na figa; serve para esconjurar ou repelir possíveis males. Na Umbanda, quase sempre recebe-se o passe dos pretos-velhos para fortalecer a figa de guiné, arruda etc.

Firma — Contas maior que as demais. Serve para fechar o colar de contas, as guias

que envolvem o pescoço do filho de santo.

Firma — Concentrar-se, excluindo-se de tudo o mais para entrar em transe. Tornar firme por atitude mental sobre algum trabalho a ser realizado com espíritos encarnados ou desencarnados.

Firmeza — Ou "segurança". Energizar diversos elementos naturais para dar maior "força" aos trabalhos. Conjunto de certos materiais que, enterrados no chão, posicionam para os espíritos no astral o local próprio para suas reuniões com os encarnados.

Flores de omolu — Também conhecido por flores-do-velho. É a transformação do milho alho, quando posto no fogo em panela com areia fina, em carcos brancos, em formato de pequenas flores, designadas por pipocas, que são oferecidas, em alguidares, ao orixá Omolu.

Fluidos — Energia benéfica ou maléfica que emana de certos trabalhos, quando bem efetuados. São manipulados por entidades, para sua constituição particular ou composição de trabalhos no plano astral.

Fumo — Produto gasoso, advindo de matérias orgânicas em combustão, tornados visíveis pela presença de partículas de carbono que se precipitam em forma de fuligem. Na Umbanda, o fumo do cigarro, cigarro de palha, cigarrilhas, charutos, cachimbo e da queima de pólvora, quando no processo de magia ativado pelas entidades, são úteis na desintegração de miasmas, bacilos, nódos, larvas astrais que ficam ligadas ou presas ao corpo etéreo astral do consulente.

Fundamentos — Sustentáculos da doutrina umbandista. São sete os fundamentos — 1.º) — O

Deus Único: OLORUN ou Zambi; 2.º) — Tríplice Aspecto: Energia — Vida — Consciência; 3.º) — Sete Progressões Evolutivas ou Sete Linhas de Umbanda: Linha dos Devotos, Linha Sacerdotal, Linha das Almas, Linha da Magia, Linha do Oriente, Linha das Encarnações Humanas e Divinas e a Linha dos Orixás; 4.º) — Sete Tendências dispostas nos Sete Raios; 5.º) — Profissão de fé constituída no Credo Umbandista; 6.º) — Poder expresso da Divindade nos Símbolos, Sacramentos, Pontos Riscados e Cantados; 7.º) — as Fórmulas Práticas.

Fuxico — Intriga, conversa fiada, fofoca, assunto malicioso sobre a vida de alguém. Também pode ser costura mal feita, mexerico, namoro escandaloso. Diz-se "fuxico do santo", peculiaridades do culto conhecidas por poucos devotos.



aspectos



Mãe de santo acompanhada de duas "mães-pequenas"



CANTO NEGRO

Edevalda Moreira de Jesus

Negros que vieram ontem
em porões acorrentados,
negros que vivem hoje
em becos marginalizados

Negros que cantaram ontem
p'ra calar no peito a saudade da sua terra
e da vida em liberdade,
negros que cantam hoje um direito de todos
de sair das favelas
de lutar pela vida com igualdade.

Canta negro,
que seu canto é sua arma
é relíquia de um povo
é grito de liberdade.

Canta negra
seus anseios sufocados
e a dor de seus antepassados.



COSMOGONIA UMBANDISTA

No princípio era o Nada — o Nada potencial. Num processo divino, a energia se transformou em partículas materiais, subatômicas, que passaram a cruzar o espaço em diversos sentidos para, depois, se reunirem, se aglutinarem em um só e único átomo — o átomo primitivo da ciência.

A formidável explosão desse átomo primitivo desencadeou o aparecimento de sucessivas galáxias, verdadeiros impérios estelares, compostos de bilhões e bilhões de estrelas, planetas, nebulosas e toda a massa interestelar brilhante que compõe o grandioso cosmo. Criação magnífica do nosso Pai OLORUN.

A ciência terrena já constatou e provou, de maneira irrefutável, que o nosso planeta-escola, verdadeiro grãozinho de areia a viajar pelo espaço infinito existe, aproximadamente, há 4 bilhões e 500 milhões de anos . . . Adão e Eva viraram personagens de ontem . . .

Havendo CRIADOR, haverá, logicamente, CRIATURA. E criaturas humanas, embrionárias, existem desde aquela desintegração no cenário sideral.

Através de ciclos, períodos, eras, manvântaras e pralais, vêm cavalgando esses viajores predestinados, em fantástica romaria, pelos diversos planos, latentes na mônada, para assumir formas nos reinos mineral, vegetal, animal e hominal. Indivíduos, enfim, detentores da centelha sagrada, herdeiros de um passado remoto, obscuro e transcendental, vamos conscientemente em direção a um futuro de efetiva grandeza espiritual, cuja meta é aquisição de uma cidadania na pátria angélica da Consciência Cósmica.



O AUTOR E A SUA OBRA

Omolubá nasceu em Itabuna (Bahia). Criou-se em Salvador. Sua formação religiosa iniciou-se desde cedo ao acompanhar familiares entre os anos de 1937 a 1946 ao bairro do Retiro a uma roça num local conhecido por Bate-Folha, onde situava-se o Barracão de Manoel BERNARDINO da Paixão (Bernardino do Bate-Folhas), famoso pai-de-santo (nação de Angola) do candomblé baiano.

Chegando ao Rio de Janeiro em fins de 1948, Omolubá assistiu a uma sessão de Umbanda em 1950, ficando curioso e encantado pela existência de um culto inteiramente desconhecido em sua terra natal.

Acosado pela "mediunidade de berço", que afetava gravemente sua constituição orgânica, socorreu-se da Umbanda, optando daí por diante, definitivamente, pela nova prática religiosa (1960).

Pelas mãos afetivas da lalorixá Alexandrina dos Santos, mais conhecida por mãe Doca, fez sua Iniciação sacerdotal, assumindo integralmente em 1970 sua qualificação como Babalorixá de Umbanda, originando-se daí, o seu nome iniciático **Omolubá**, sagrado pelos seus guias em homenagem ao orixá Omolu.

Indiscutivelmente, cabe a Omolubá entre outros, papel relevante na construção doutrinária da Umbanda. Juntamente com Israel Cysneiros, falecido em 1985, editam em 1975 a revista **Seleções de Umbanda** que circulou durante três anos consecutivos. Em 1976, ambos, através de rigorosa pesquisa de campo que se estendeu inclusive a outros Estados brasileiros, descobrem, verificam, aprofundam e alardeiam para todo o país a verdadeira identidade astral, filosófica, cultural da Umbanda, como sendo uma **religião tipicamente brasileira** — por sinal a única — nascida no bairro de Neves em Niterói (1908), sendo seu fundador no plano físico, um espírito que a si próprio deu o nome de **Caboclo das Sete Encruzilhadas**, tendo como médium o valeroso e incansável **Zélio de Moraes** (1891-1975).

A importância do reconhecimento da origem e do fundador da Umbanda, foi divulgado por toda a nação, inclusive pelo **Jornal do Telecurso** n.º 52 (400 mil exemplares de tiragem e mais de um milhão de teleouvintes).

Sempre com o seu amigo Cysneiros, trouxeram em 1978 para a comunidade umbandista o célebre livro **Fundamentos de Umbanda * Revelação Religiosa**, com normas basilares

da nóvel religião, evidentemente, o primeiro ensaio teológico sobre Umbanda, com o devido respaldo dos Mentores do plano astral dessa área.

Coube ainda a Omolubá, grafar de maneira indelével, a palavra "umbandismo", quando em agosto de 1977 no **Primeiro Encontro Regional de Umbanda**, realizado no Templo Camiñeiros da Verdade, perante centenas de participantes, assegurou: "Se o espírita pratica o espiritismo, nós da Umbanda praticamos o **umbandismo**".

Durante os anos de 1972 a 75, psicografou mais de 80 poemas, valendo Menção Honrosa no **IV Concurso Nacional Raimundo Correa de Poesias** em 1984 (Shogun Editora) pela excelência da poesia trazida de além túmulo.

Em 1984, Omolubá, pondo em risco sua integridade física, desloca-se ao plano astral (mediunidade de desdobramento), desvendando a estrutura hierárquica dos Exus na Umbanda, expostos no livro **Maria Molambo — Na sombra e na luz**, 6ª edição desfazendo assim, por completo, fantasiosas e absurdas concepções, inventadas por mentes levianas expostas em livros ou em afirmações verbais irresponsáveis.



Escreveu os livros **Umbanda Poder e Magia * Chave da Doutrina** Editora Pallas, 2.ª edição e **Magia de Umbanda * Instrução Religiosa** Editora N. Livros 2.ª edição. Em 1987, edita e dirige por 1 ano com Domingos Marques a revista **Projeção Esotérica** de circulação nacional.

Em 1990 em parceria com a jornalista Jacqueline Freitas apresenta uma obra inédita, inteiramente ilustrada, dirigida à juventude brasileira: **YEMANJÁ a Rainha do Mar**.

Os Editores

PALLAS - Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 - Higienópolis
CEP 21050-840 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 270-0186 - Fax: 590-6996



ISBN 85-347-0030-3